



RESENHA

PITTE, Jean-Robert. *La planète catholique: une géographie culturelle*. Paris : Tallandier, 2020, 1ère édition, 476 pp. ISBN 979-1021021099

*José Pereira Coutinho\**

Jean-Robert Pitte é o atual presidente da Sociedade de Geografia francesa (desde 2009), tendo sido reitor da Universidade de Paris-Sorbonne (2003-2008), onde obteve o seu doutoramento em geografia (1975). Tem pesquisado em geografia histórica e cultural, principalmente sobre paisagens, gastronomia e vinhos, desempenhando funções nestas áreas como presidente da Missão Francesa para o Património e Culturas Alimentares (desde 2008) e da Academia do Vinho de França (2010-2016). A reflexão sociopolítica é outra das suas valias, sendo secretário perpétuo da Academia de Ciências Morais e Políticas (desde 2017). A diversificação da sua competência intelectual por interesses, experiências e conhecimentos diversos ajuda a compreender melhor o seu livro, aqui apresentado.

Como refere Pitte no prefácio, este livro justifica-se pela falta de obras, em países de tradição católica, sobre a influência da sua religião no espaço geográfico. Daí que o objetivo do livro seja estudar os “...efeitos do catolicismo na organização do espaço geográfico de regiões do mundo onde esta religião foi adotada pela maioria dos habitantes...” (p. 10). Assim, o autor começa, no capítulo 1, numa abordagem histórico-geográfica, por analisar a evolução do cristianismo, desde o seu começo até se expandir para fora da Europa, focando-se depois no catolicismo e chegando à atualidade. Ou seja, começa por fazer uma radiografia do cristianismo/catolicismo em moldes históricos e geográficos, duas áreas que domina. No capítulo 2, começando a discutir a universalidade cristã e católica, passa para as crenças, assente na questão do mistério ou do sagrado e nas três virtudes teológicas (fé, esperança e caridade). Pitte continua aqui o seu trabalho comparativo, realçando o catolicismo sempre em contraponto com as outras religiões.

A partir do capítulo 3 até ao último, o capítulo 8, o autor analisa os efeitos da religião católica em várias esferas, em registo comparativo religioso e geográfico, sempre que pertinente. Estes capítulos são o cerne deste livro, servindo os outros como enquadramentos histórico, geográfico e teológico. No capítulo 3, Pitte analisa a família (casamento, natalidade, mulher, infância), a sexualidade (eros/ágape, género, homossexualidade) e a vida/morte (aborto, eutanásia, suicídio, práticas funerárias), temas na generalidade bastante polémicos e em que a posição da Igreja é muito contestada. No

---

\* Doutor em Sociologia (ISCTE-IUL, Portugal). Membro integrado do CITER-UCP (Portugal). ORCID: 0000-0002-2733-3476 – contato: [jose.coutinho@ucp.pt](mailto:jose.coutinho@ucp.pt)

capítulo 4, o autor debruça-se sobre a influência das religiões, sobretudo do catolicismo, no uso do corpo e dos seus cinco sentidos, abordando temas em que as dicotomias prazer/pecado e/ou corpo/espírito estão bem presentes, como a alimentação, o vinho, os odores, a música, o vestuário e o desporto. Aqui o autor trata de dois temas que domina (alimentação e vinhos), daí que naturalmente tenha usado mais de vinte páginas, cerca de metade deste capítulo. Como refere Pitte na introdução a este capítulo (p. 157), “... os sentidos são o caminho da alma...”, na perspetiva de que o catolicismo, em oposição ao protestantismo, é uma religião dos sentidos, do corpo.

Nos dois capítulos seguintes, o autor aborda as questões políticas e económicas. No capítulo 5, sobre a política, são analisados temas como a laicidade, o diálogo inter-religioso, as migrações, a guerra justa, a política e a diplomacia vaticana. Na sua introdução (p. 207), ao mencionar a importância do catolicismo na fundação da União Europeia – nos três fundadores católicos e na bandeira inspirada na medalha milagrosa – reflete-se a sua posição católica, opondo-se à tendência de secularização europeia. No capítulo 6, sobre a economia, analisa temas como o dinheiro, a pobreza, o desenvolvimento económico, a predestinação, a posição do Magistério, o trabalho e o tempo. Neste capítulo, há uma crítica clara à Igreja pós-conciliar, sobretudo ao Papa Francisco. Como refere Pitte, “...a Igreja lançou-se num discurso de culpabilização dos ricos, indivíduos ou países, em comparação com os pobres, sem insistir sobre os meios para que estes mudem a situação pelos seus próprios meios...” (p. 281) e o Papa Francisco é “...a favor de uma forte intervenção estatal para regular o mercado.” (p. 282)

Nos dois capítulos finais, Pitte analisa as questões ambientais e paisagísticas. No capítulo 7, sobre o ambiente, o autor começa por afirmar que a posição católica em que a natureza se encontra ao serviço do homem está em minoria e cada vez mais hesitante face às fortes críticas (p. 295). Neste pressuposto, Pitte analisa a questão, olhando para as Escrituras, São Francisco de Assis, o ambientalismo na versão protestante e na versão católica, a carta encíclica *Laudato si* e o otimismo razoável. Embora já se notassem críticas às posições da Igreja em capítulos anteriores, a crítica endurece-se neste, principalmente pela posição do atual papa. No capítulo 8, sobre a paisagem, o autor termina com mais um tema que domina, referindo, na introdução respetiva, que o mundo católico tem uma forma própria de olhar para a natureza e para o ambiente, diferente das outras religiões, nomeadamente da protestante, o que explica a distinção das paisagens católicas (p. 343). Neste âmbito, Pitte analisa a noção de paisagem, a revolução iluminista, a proteção paisagística e a distinção entre paisagens católicas e protestantes, especificando aspetos como montanhas, jardins, modos de habitação, lugares de culto e decorações.

A primeira nota é que este livro é um ensaio, não uma obra científica, pois não apresenta argumentos irrefutáveis para hipóteses levantadas. Aliás, a profusão de temas tratados impede análises muito aprofundadas. É nesta premissa que o livro deve ser lido, para não desconcertar leitores menos avisados que procurassem correlações fortes e provas incontestáveis entre fatores e religião. A segunda nota, que reforça a anterior, é que o livro apresenta traços apologeticos, implicitamente, desde o início, e explicitamente, nalgumas passagens. Sendo um ensaio, como o autor refere no prefácio (p. 9), tem mais liberdade para expressar ideias e levantar hipóteses sem ser contestado pela

subjetividade na escrita e pela eventual falta de dados. A sua filiação católica conservadora torna-se evidente em várias passagens, mas sobretudo na crítica ao atual papa em questões económicas, no capítulo 6, e ambientais, no capítulo 7. Aliás, em relação ao ambiente, a sua crítica a Francisco sobre a carta encíclica *Laudato si* (2015) é dura, sobretudo por considerar que “...o papa ultrapassa as suas missões entrando em detalhes técnicos que não domina.” (p. 327). Noutras frases cáusticas, refere que “...o papa não pode ignorar a história a ponto de acreditar que a situação é pior hoje do que antes, quando é bastante o oposto.” (p. 329). No fundo, para Pitte, tudo se resume ao facto de considerar que a carta é um texto “...muito engajado e forte, mais militante do que doutrinal e discutível em muitas afirmações infundadas que podem ser contestadas por especialistas.” (p. 327).

Mas o seu estilo ensaístico e as suas posições duras, nalguns aspetos, sobre o atual papa e o Concílio Vaticano II não retiram interesse nem qualidade a este livro. Aliás, de certa forma, podem ser vistas como novidades que embatem no politicamente correto corrente, ajudando os leitores a pensarem e a questionarem-se sobre os temas abordados. De facto, o calibre intelectual do autor, assente na tradição intelectual fortíssima de França, com uma crítica assaz treinada, reforçam a qualidade desta obra. Este mérito é aumentado pela análise comparativa, refletindo a perspetiva dialogante, bem necessária num país com sérios problemas inter-religiosos como a França. Ao longo do livro, Pitte analisa o catolicismo e a sua influência cultural, cotejando com outras religiões, sobretudo as outras cristãs (protestantes e ortodoxas), exatamente para evidenciar as suas diferenças culturais. Foca-se mais na Europa, sobretudo em França, o que se entende. No entanto, esta característica é como a dupla face de Janus, é ambígua, pois traz aspetos menos fortes. Nesta comparação constante com outras religiões em recorte ensaístico, o autor pode incorrer em asserções pouco fundadas, porque breves e nem sempre muito debatidas, mas que, todavia, nos fazem pensar.

Depois da leitura de uma obra tão variada como esta, torna-se difícil sintetizá-la. A diversidade de temas e de autores citados torna-se patente nas 27 páginas de bibliografia. A abundância de ideias torna, por vezes, o livro aparentemente desconexo, mas Pitte tem uma ideia clara do que pretende: demonstrar a influência do catolicismo na cultura dos países com esta tradição religiosa, principalmente em França, sua terra natal. Nota-se, ao longo da obra, uma admiração clara pelo catolicismo, na grandeza, na beleza, na diversidade e na universalidade com que ele a vê. No entanto, esta visão apaixonada não obnubila o respeito pelas outras religiões no que elas têm de rico e de útil para as sociedades, nomeadamente o judaísmo, onde se encontram parte das suas raízes, e as Igrejas Ortodoxas, que se aproximam em vários aspetos dos católicos. Pelo contrário, os protestantes são vistos com olhar mais crítico, implícita ou explicitamente. No fundo, Pitte considera o catolicismo a religião da carne, da matéria, dos sentidos, algo que lhe é caro, não fosse um especialista em gastronomia, vinhos e paisagens. Além disso, é nela que encontra os valores em que acredita, sobretudo na visão tradicional. Por isso, em ambos os casos, se afigura a sua preferência pelos ortodoxos. Em contraponto, o protestantismo, para ele, uma religião seca, desencarnada e muito secularizada, não se apresenta atrativa. De facto, Pitte termina o livro esperando que o mesmo convide “...os católicos a refletir melhor sobre os fundamentos teológicos,

morais e culturais da sua religião.” (p. 394), de forma que não se protestantizem e se tornem verdadeiramente sal da Terra.

Editor responsável: Silas Guerriero

Submetido em: 10/05/2022

Aprovado em: 18/05/2022